



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E  
LINGUAGENS**

**TAMIRES BARROS DE CARVALHO**

**ERA UMA VEZ A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA LITERATURA  
INFANTIL**

**BELÉM-PA**

**2018**

TAMIRES BARROS DE CARVALHO

ERA UMA VEZ A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Matemática e Científica, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

**Orientador:** Prof. Me. Fabio Colins da Silva

BELÉM-PA

2018

TAMIRES BARROS DE CARVALHO

ERA UMA VEZ A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Matemática e Científica, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Aprovado em 06 de março de 2018.

**Banca examinadora**

---

Prof. Me. Fabio Colins da Silva (IEMCI-UFPA)  
Orientador

---

Profa. Esp. Fernanda Souza Fernandes (IEMCI-PPGDOC-UFPA)  
Membro Avaliador

---

Profa. Me. Maria Lucirene Sousa Callou (ICED-PPGED-UFPA)  
Membro Avaliador

A minha família, razão de minha existência.

A Deus.

Agradeço ao meu orientador pela paciência e grandes ensinamentos.

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”*

Cora Coralina

## RESUMO

O tema Educação Especial, modalidade de ensino da Educação Básica, na perspectiva da inclusão tem ganhado destaque nas obras de literatura para crianças. Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar, em livros de literatura infantil, a abordagem feita acerca das pessoas com deficiência na condição de personagens das histórias. Os livros selecionados foram do acervo complementar de alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento disponibilizado às escolas públicas no contexto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Os títulos (ABC dos animais; Lilás, uma menina diferente; Sofia, a andorinha; Quem é a Glória?; Quem ganhou o jogo? Explorando a adição e a subtração; O silencioso mundo de Flor) são para o trabalho com a alfabetização dos alunos do 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental. A deficiência auditiva, a deficiência visual e a deficiência física, são os temas mais abordados nas obras. A abordagem dada à pesquisa é de natureza qualitativa e do tipo estudo bibliográfico. Com base na metodologia de análise de conteúdo, a investigação apontou que os livros abordam uma Educação Inclusiva que respeita as diferenças e valoriza os potenciais das pessoas com deficiência. Outro aspecto relevante foi o fato de a literatura infantil possibilitar a formação de leitores críticos, desde crianças.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Literatura Infantil. Deficiências.

## ABSTRACT

The theme Special Education, modality of education of the Basic Education, in the perspective of inclusion has gained prominence in works of literature for children. In this way, this article aims to analyze, in children's literature books, the approach taken about people with disabilities as characters in the stories. The selected books were the complementary collection of literacy and literacy in the different areas of knowledge available to public schools in the context of the National Pact for Literacy in the Right Age. The titles (ABC of animals, Lilac, a different girl, Sofia, the swallow, Who is the Glory?; Who won the game? Exploring addition and subtraction, The silent world of Flower) are for working with literacy students from 1<sup>st</sup> to 3<sup>rd</sup> year of Elementary School. Hearing impairment, visual impairment and physical disability are the most discussed topics in the works. The approach given to research is qualitative in nature and the type of bibliographic study. Based on the methodology of content analysis, the research pointed out that the books address Inclusive Education that respects differences and values the potential of people with disabilities. Another relevant aspect was the fact that children's literature enabled the formation of critical readers, from children.

**Keywords:** Inclusive Education. Children's literature. Disabilities.

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>09</b>
<b>2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA, UMA REALIDADE? .....</b>	<b>11</b>
<b>3. INCLUSÃO NA LITERATURA INFANTIL .....</b>	<b>16</b>
<b>4. ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA .....</b>	<b>19</b>
<b>5. ERA UMA VEZ A INCLUSÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*"Deficiente" é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.*

*"Louco" é quem não procura ser feliz".*

*"Cego" é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria.*

*"Surdo" é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão.*

*"Mudo" é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.*

*"Paralítico" é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.*

*"Diabético" é quem não consegue ser doce.*

*"Anão" é quem não sabe deixar o amor crescer.*

*E "Miserável" somos todos que não conseguimos falar com Deus.*

(Poema *Deficiente*, de Mário Quintana)

O poema de Mário Quintana nos faz refletir sobre a importância de termos consciência sobre nossas “deficiências”. Mostra o quanto somos contraditórios. Além disso, traz a inclusão como um fator essencial na vida em sociedade. O tema do poema envolve um dos grandes desafios da desigualdade social e uma revolução de paradigmas.

O tema Educação Inclusiva tem ganhado destaque nas pesquisas educacionais, pois se tem dado mais importância às pessoas com deficiência (Pcd) e à sua inclusão nos diversos espaços sociais, inclusive a escola. No entanto, a inclusão de Pcd impõe inúmeros desafios aos sistemas de ensino em razão das mudanças estruturais ocorridas desde a década de 1980, período na história que marca a transição da escola que ignorava as diferenças, tratando-os como se fossem pessoas incapazes de aprender, para uma fase de resgate e exercício de direitos e de exigência do reconhecimento dessa diferença pelo sistema educacional.

Outro aspecto relevante é o fato da Educação Inclusiva transpassar às questões legais e ganhar destaque nas obras de literatura, principalmente, nos livros de literatura infantil. Por exemplo, o livro *ABC dos animais*, de autoria de Renata Aragão Artiaga. Esta obra traz fotografias de diversas espécies de animais, apresentadas ao leitor em ordem alfabética, com destaque para a letra inicial do nome vulgar do animal, que é mostrado nas formas maiúscula, minúscula e em língua brasileira de sinais (LIBRAS). A obra apresenta, também, o nome científico da espécie exibida na fotografia e uma ilustração, indicando a classificação taxonômica e os locais em que os animais são encontrados. Assim, a obra associa o

conhecimento da biodiversidade animal à consolidação do sistema de escrita alfabética e à Inclusão de pessoas surdas.

Nestes termos, este artigo tem como objetivo analisar, em livros de literatura infantil, a abordagem feita acerca das pessoas com deficiência na condição de personagens das histórias. Os livros selecionados foram do acervo complementar de alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento disponibilizado às escolas públicas no contexto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

A abordagem dada à pesquisa é qualitativa e do tipo estudo bibliográfico (MINAYO, 2009). Primeiramente foi realizada uma revisão de artigos e livros que abordassem a temática Educação Inclusiva na Literatura Infantil. Após essa investigação, os acervos do PNAIC foram consultados na perspectiva de encontrar obras que abordassem a temática da pesquisa (Educação Inclusiva). Os critérios utilizados foram ser voltados para o público infantil, ter personagens principais com deficiência e o tema da obra tratar de inclusão. Os títulos encontrados foram *ABC dos animais*; *Lilás, uma menina diferente*; *Sofia, a andorinha*; *Quem é a Glória?*; *Quem ganhou o jogo? Explorando a adição e a subtração*; *O silencioso mundo de Flor*.

Para uma discussão mais aprofundada, foram selecionadas somente duas obras para a construção das reflexões deste texto. A análise de conteúdo (BARDIN, 2011) foi a metodologia utilizada na pesquisa e contribuiu para as reflexões acerca da temática abordada. Nestes termos, a investigação apontou que os livros abordam uma perspectiva de Educação Inclusiva que respeita as diferenças e valoriza os potenciais das Pcd. Outro aspecto relevante foi o fato de a literatura infantil possibilitar a formação de leitores, desde crianças, críticos.

## 2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA, UMA REALIDADE?

Todos os alunos têm direito a uma educação de qualidade, porém nem sempre é dessa forma que as coisas acontecem. Na Educação Especial, por exemplo, muitos avanços têm ocorridos, no entanto ainda precisa-se melhorar muitos aspectos desta modalidade de ensino, por exemplo, ofertar o Atendimento Educacional Especializado, investir na formação inicial e continuada dos professores que tem alunos incluídos nas turmas regulares, oferecer recursos didático-pedagógicos apropriado para o trabalho especializado etc.

De acordo com essa realidade, muitas políticas públicas inclusivas têm sido planejadas para o âmbito escolar na tentativa de oferecer para a comunidade uma educação inclusiva. Para Mantoan (2003, p. 18), a prática da inclusão “é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas”. Portanto, todos os sujeitos que constituem a instituição escolar precisam se unir para eliminar deste espaço social qualquer tipo de exclusão.

**A Inclusão Escolar pode ser considerada como uma quebra de paradigmas no processo de ensino e de aprendizagem.** Pois com a criação de políticas públicas, ganha mais força e destaque nos diversos espaços sociais, e a escola é um deles.

A escola, com todo o seu formalismo da racionalidade, cria barreiras para que as pessoas com deficiência (Pcd) sejam incluídas. Isso se dá por conta de um currículo engessado e por conta de toda a burocracia criada no sistema educacional brasileiro. Dessa forma, propor a Inclusão Escolar como forma de inclusão social requer romper com diversos paradigmas estabelecidos pela educação formal, conforme Mantoan (2003, p. 12), “a inclusão implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazando”. Ou seja, um processo educacional que valorize as potencialidades dos estudantes, ao invés de suas limitações. Pois colocar as crianças com necessidades educacionais especiais na escola regular apenas para que a lei seja cumprida, por exemplo, é uma atitude intolerável.

A inclusão é considerada uma saída para que a escola possa fluir, novamente, ampliando sua função formadora por todos que a constitui (MANTOAN, 2003). Caso isso não seja possível, a exclusão escolar e social permanecerá dentro e fora da escola regular, pois a exclusão manifesta-se de diversas formas, inclusive na inclusão mascarada, ou seja, na não garantia do exercício dos direitos das Pcd.

Com o processo de democratização, a escola abriu suas portas para as Pcd, para os negros, para os marginalizados, para os pobres etc. Isso implicou na constituição de novos grupos sociais. Por exemplo, na década de 1990 mudanças intensas agitaram o cenário de educação de surdos no Brasil (FERNANDES, 2007). Para a autora, grupos organizados mobilizaram-se para conseguir, legalmente, o acesso ao conhecimento escolar mediado pela língua brasileira de sinais (Libras), ou seja, uma educação bilíngue. Isto é, a Libras nos diversos espaços sociais, inclusive a escola, tornou-se uma bandeira de luta ao respeito e à sua condição linguística diferenciada.

A oficialização da Libras, as discussões sobre a educação bilíngue, a valorização e formação de educadores surdos nas escolas e a presença de intérpretes em vários segmentos sociais foram marcos legais das conquistas das pessoas surdas. Poderíamos dizer que essas ações “é o resultado do processo de inclusão social” (FERNANDES, 2007, p. 20), mas para as pessoas surdas é muito mais que isso, é uma ruptura do paradigma da oralidade.

Dessa forma, as conquistas dos movimentos que representaram os interesses das pessoas surdas ilustra como o caminho da Inclusão Escolar foi/é árduo. O aspecto mais significativo desse processo de inclusão repousa no fato do reconhecimento do potencial visual dos sujeitos Surdos na produção de formas alternativas de interação e comunicação simbólica, sendo a Libras seu produto cultural mais representativo. Nesta perspectiva, “ao invés de deficientes, eles passam a ser reconhecidos como um grupo cultural que utiliza uma língua minoritária – a Libras” (FERNANDES, 2007, p. 21). No entanto, ainda falta muito para que nos diversos espaços públicos (escolas, igrejas, hospitais, agências bancárias etc.) sejam garantidos os direitos das pessoas Surdas.

Outro ponto relevante consiste também na inclusão de pessoas com deficiência físico-motora (DFM). Nesse sentido, o processo de Inclusão Educacional e social requer abranger concepções de promoção humana por meio de atenção, respeito e valorização de suas potencialidades (ISRAEL; BERTOLDI, 2010). Para isso, requer também compreender que o contexto social e educacional no qual convive uma pessoa com DFM não é estático porque tanto os meios (como a família) e a sociedade sobre mudanças.

Nestes termos, a Inclusão Escolar da pessoa com DFM requer um trabalho integrado entre profissionais da educação, profissionais da saúde e a família. Para Israel e Bertoldi (2010, p. 08), “na integração das ações de educação e saúde para beneficiar a pessoa com DFM, o processo de inclusão tem sido muito discutido”. Para que isso seja possível de ocorrer

sem preconceitos, os profissionais envolvidos podem interagir com a pessoa com DFM e sua família e construir novos conceitos e atuações na perspectiva inclusiva.

No que se refere à Inclusão Educacional, mais especificamente, toda a comunidade escolar precisa estar envolvida efetivamente no processo de inclusão da pessoa com DFM. Sobre isso, Israel e Bertoldi (2010, p. 10), afirmam que todos (escola) “devem facilitar a adoção de medidas que favoreçam o desenvolvimento do aluno com DFM dentro dos parâmetros curriculares legalmente constituídos”. Dentre as medidas podemos citar, por exemplo, trocar uma escada por uma rampa; facilitar o acesso à informação; oferecer treinamento aos integrantes da comunidade escolar (como posicionar o aluno com DFM na cadeira de rodas); ofertar o uso de tecnologias assistivas de controle manual (pranchas, teclados, programas educacionais em computadores etc.) e organizar adaptações curriculares, no sentido de tornar a aprendizagem mais acessível.

A pessoa com DFM precisa ser encarada como qualquer outra, sendo respeitada pelos seus potenciais e pela diversidade de suas habilidades. Portanto, os vários olhares sobre a deficiência podem ser compartilhados e aprimorados em cada aspecto singular do ser humano com DFM. O envolvimento dele próprio somado ao de sua família, aos dos profissionais da educação e aos da saúde, podem facilitar a Inclusão Escolar desse sujeito.

Neste mesmo universo da inclusão, não podemos esquecer-nos das pessoas com Transtornos do Desenvolvimento e do Comportamento (Transtorno do Espectro Autista, Transtorno de Rett, Transtorno de Asperger, Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade, Transtorno de Conduta etc.). Esses sujeitos também constituem as diversas instituições sociais, inclusive a escola, e sua inclusão educacional e social requer considerar os prejuízos severos causados pelos transtornos e que comprometeu o desenvolvimento neuropsicomotor, sobre tudo, a aprendizagem e a sociabilidade. No entanto, é importante considerar seus potenciais.

No caso de Inclusão Escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, a comunidade escolar precisa compreender melhor as condutas típicas desse sujeito. Dentre as condutas comportamentais a ausência ou atraso de fala ou de linguagem é comum, e precisa ser respeitado. Para Facion (2007, p. 32), a pessoa com TEA geralmente:

[...] não se relaciona com outras crianças, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, não demonstra medo de perigos reais, resiste a mudança de rotina, usa as pessoas como ferramentas, manifesta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, apresenta acentuada hiperatividade física, não mantém contato

visual, tem apego não apropriado a objetos, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta comportamento indiferente e arredoio.

No entanto, essas condutas podem variar de pessoa para pessoa. O importante é que os profissionais da educação fiquem atentos para esses comportamentos, pois compreender o TEA ajuda no processo de inclusão desse sujeito. Nesse sentido, os sistemas de ensino precisam ser repensados, pois incluir uma criança com autismo é difícil para ela, para os pais e para a escola, mas é preciso firmeza, paciência e insistência. Para Orrú (2011, p. 79), “a questão da inclusão não é apenas um direito a ser conquistado”. Para a autora, a família e a escola, em parceria, precisam perceber que a convivência do aluno com autismo junto a outras crianças sem o TEA pode beneficiar sua inclusão educacional e social. Dessa forma, tem a oportunidade de apreender e internalizar conhecimentos que dificilmente experimentaria se estivesse segregado em uma instituição especializada. Para isso requer também uma mudança na concepção de educação, ensino e aprendizagem.

Outra deficiência que requer atenção no processo de Inclusão Escolar refere-se à Deficiência Visual (DV). Muitas crianças ingressam na escola com algum problema na visão, no entanto, as instituições educacionais, de um modo geral, não estão preparadas para identificar essa problemática. Assim, Mosquera (2010) sugere realizar testes com os alunos da sua classe no início e no final do ano. No entanto, a consulta com o oftalmologista é imprescindível.

A pessoa com DV, além das suas próprias barreiras, ainda encontra burocracia, discriminação, falta de recursos materiais e qualificação profissional por parte dos seus professores. Essas questões vêm sendo combatidas paulatinamente e a presença de materiais de acessibilidade e profissionais estão sendo disponibilizados a cada etapa conquistada. Por isso, a sociedade e a escola necessitam rever seu ponto de vista e criar condições para que o aluno com deficiência visual seja inserido no sistema de ensino regular, visando propiciar uma educação com excelente qualidade. Assim, o mais importante na inclusão das pessoas cegas é reconhecê-las e saber quais as maiores dificuldades que elas apresentam.

No processo de inclusão, o deficiente visual precisa ser estimulado a usar os recursos pedagógicos que dão reforço para que seu aprendizado se torne melhor e para que aprimore a percepção tátil. Logo, o aperfeiçoamento desses alunos e suas características são indispensáveis para a elaboração de estratégias educacionais inclusivas. Para Mosquera (2010), o mundo da criança cega é aquele que ela alcança com seus braços abertos e sugerem a necessidade de outras pessoas ajudarem a ampliar esse mundo. Sem apoio e auxílio essa

criança não poderá desenvolver seus potenciais educacionais e assim conquistar seu espaço acadêmico, pessoal e profissional.

A Inclusão Escolar é um processo que possibilita que todos os alunos sem exclusão participem da aprendizagem que necessitam, de forma que todos possam conviver em um mesmo ambiente. Para que isso aconteça (Cf. Mantoan, 2003), faz-se necessário que as práticas pedagógicas de muitas escolas passem por uma reorganização, sempre visando o desenvolvimento de aprendizagem de todos os alunos fazendo com que as diferenças sejam deixadas de lado. Desse modo, considerando o professor o principal responsável por tais mudanças.

Diante das discussões estabelecidas em torno da importância inclusão de pessoas com deficiência nos diversos espaços sociais, a literatura surge como mais um veículo de comunicação e denúncia a favor da Inclusão Escolar. As obras literárias abordam essa temática de forma crítica e lúdica, conforme iremos discutir na próxima seção deste texto.

### 3. INCLUSÃO NA LITERATURA INFANTIL

O que haverá de comum entre inclusão e literatura infantil? É o que se pretende discutir aqui neste texto, começando pelas reflexões sobre a importância de ler literatura.

A noção de leitura há muito tempo deixou de ser entendida apenas como decifração pura e simples de um código escrito, ampliando-se para outros domínios que ultrapassam o texto verbal impresso em papel, ou seja, uma leitura crítica. Sobre isso, Silva (2009, p. 24) afirma que a leitura crítica busca “tentar descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras já feitas, questionando, tirando conclusões”. Este é um nível de leitura que não se atinge de imediato, requer um percurso mais longo por parte do leitor.

Esse tipo de leitura coloca a criança diante de novos conhecimentos e amplia sua visão crítica. Mas para ser capaz de fazer tal leitura é preciso estar aberto para novas aprendizagens. Recorrer às suas bagagens culturais, estar com a mente alerta e ser capaz de relacionar, confrontar, chegar a sínteses e conclusões sobre o que foi lido. Por isso, “está ao alcance de todos é um processo que se cumpre aos poucos” (SILVA, 2009, p. 24). Contudo, na escola, o professor deve atuar como um guia, conduzindo seus alunos adiante nesse percurso de leitor crítico de literatura. Para Fernandes e Oliveira (2013, p. 02),

[...] A literatura infantil constitui, sobretudo, comunicação. Ela é material que facilita a relação entre os sujeitos da comunicação, autor e leitor. Se não houver esta interação entre estes elementos, corre-se o risco de não ser efetivado o mecanismo de transmissão do conhecimento/informação que se pretende compartilhar.

Corroborando com os autores, a leitura de literatura liberta o leitor de um processo de formação alienador. Temas como a Inclusão Escolar pode ser debatido por meio de narrativas de aventura ou por meio de versos de um poema. Por isso, a trajetória percorrida pelo leitor irá refletir sua crescente competência crítica que pode ir além do esperado por seu nível de escolarização. No entanto, nesse percurso o leitor passa por etapas.

Para Silva (2009) o leitor de literatura percorre seis etapas, a saber: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente, leitor competente e leitor crítico. Para isso, o professor, ao selecionar os livros a serem lidos, precisa levar esses aspectos em consideração. Conforme a autora, o pré-leitor encontra-se na fase de apenas ouvir as leituras feitas por um leitor experiente (lidas ou contadas) ou com a ajuda de um adulto. O leitor iniciante consegue ler texto curto (uma adivinha) sem ajuda de um leitor experiente. O leitor em processo “lê textos de dificuldade média, seja em relação ao vocabulário, à construção da narrativa ou ao uso da linguagem” (*idem*, p. 25).

No entanto, o leitor fluente consegue ler textos mais extensos e complexos, como por exemplo, uma narrativa de aventura. O leitor competente ler textos mais complexos, sendo capaz de reconhecer artifícios de construção, bem como estabelecer conexões entre diversas leituras. O fim do percurso da formação do leitor culmina com um leitor crítico, ou seja, capaz de ler com total autonomia, “identificando alusões e subentendidos, assim como estabelecer relações entre o texto lido e a realidade que conhece em suas vivências diárias de cidadão” (SILVA, 2009, p. 25).

Esse leitor crítico também é capaz de emitir juízos críticos sobre o texto lido. Portanto, desde o ingresso na Educação Básica, as crianças precisam ser conduzidas nessa trajetória leitora. Isso pode ser possível por meio da leitura de textos literários. Para Fernandes e Oliveira (2013, p.08), a “literatura é um meio fecundo para expandir nossos pensamentos, sentimentos, concepções e atitudes”. Assim, na formação do leitor é preciso seduzir a criança para a leitura e orientá-las na construção de sua própria trajetória de leitor.

Mas o que estamos chamando de Literatura? Qual a concepção de Literatura Infantil neste texto? A literatura não é fácil de ser definida com exatidão, mas com base em Coelho (2000), literatura é uma forma de linguagem específica, assim, como toda linguagem, expressa e comunica uma determinada experiência humana. A ideia que se quer passar por meio dos textos de literatura está diretamente relacionada ao contexto social, cultural e político da época. Assim, literatura pode ser definida “como um dinâmico processo de produção/recepção que, conscientemente ou não, se converte em favor de intervenção sociológica, ética ou política” (*idem*, 2000, p. 28). Nesse processo, não podemos deixar de considerar os aspectos temporal, espacial, linguístico, poético, metafísicos etc.

No que se refere à Literatura Infantil, conforme Coelho (2000, p. 28), sua essência está determinada pela natureza do seu leitor ou receptor, a criança. Assim, a expressão literatura infantil,

[...] sugere, vulgarmente de imediato, a ideia de belos livros coloridos destinados à distração e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor.

Essa perspectiva apresentada pelo autor, nos leva a refletir sobre a visão reducionista do texto literário como uma forma de oprimir e moralizar as crianças, ainda concebida como um adulto em miniatura. Ou seja, “expurgar as dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil” (COELHO, 2000, p. 29). Dessa forma,

as obras literárias eram reduzidas em seu valor artístico, no entanto, partimos da perspectiva de que o texto literário possa formar leitores críticos, que possam refletir com maior profundidade sobre o mundo que o cerca.

Assim, a literatura infantil pode fomentar a discussão sobre temas relacionados à Inclusão Escolar, pois conforme Lima *et al* (2016), a literatura infantil é um instrumento capaz de promover reflexões e contribuir para que as Pcd possam sentir-se acolhidas nos espaços escolares. Além de formar cidadãos mais críticos e corresponsáveis pelo processo de inclusão.

Dessa forma, o trabalho pedagógico com a literatura possibilita entender a criança como indivíduo pertencente a um grupo social. Com isso, viver, por meio da leitura dos livros, experiências sociais e culturais presentes no cotidiano das pessoas, como o fato da inclusão educacional. Conforme Lima *et al* (2016, p. 03),

A literatura infantil vem se destacando como uma forma eficaz de debater a inclusão, pois durante o processo imaginativo, a criança tem a oportunidade de criar de forma prazerosa e de experimentar sensações e sentimentos que revelam sua visão sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre suas atitudes. Pensando assim, utilizamos a literatura infantil como ponte para compreensão sobre a temática inclusão e elaboramos uma sequência didática que proporcionou uma reflexão sobre o preconceito existente dentro das escolas, possibilitando assim, uma mudança de pensamento e, sobretudo, de atitude para com as crianças com deficiência.

Corroborando com os autores, podemos afirmar que o trabalho com a inclusão a partir da literatura possibilita entender o espaço escolar como aquele em que podem ser desenvolvidas as primeiras relações críticas do indivíduo com a sociedade, espaço responsável também pelas lutas a favor do exercício do direito das pessoas com deficiência.

Desse modo, a literatura pode e deve ser vista como um importante veículo para discussões sobre temas do nosso cotidiano. Se assim for, a criança, desde seus primeiros contatos com a educação formal, pode adquirir um espírito crítico e buscar soluções para muitos dos seus problemas pessoais, como seus medos e inseguranças. É na identificação com um personagem que pode projetar suas curiosidades, seu imaginário.

Nessa perspectiva, este estudo acadêmico foi organizado com o intuito de refletir sobre o tema inclusão nas obras de literatura infantil. Na próxima seção, abordar-se-á o caminho investigativo trilhado durante a construção da epistemologia desta pesquisa.

#### 4. ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Desenvolver pesquisa sobre o tema inclusão tem sido um desafio, pois muito se tem debatido acerca dessa temática. No entanto, ao aprofundar o subterrâneo da inclusão, cria-se mais uma possibilidade de produzir novos conhecimentos sobre esse assunto em questão. Nestes termos, compreendemos pesquisa como uma atividade que busca arguir e construir uma realidade, pois é por meio dela que o ensino alimenta-se e atualiza-se diante as novas demandas sociais, conforme Minayo (2009, p. 16), a “pesquisa vincula pensamento e ação”. Assim, o processo investigativo envolve interesses e circunstâncias sociais condicionadas.

A abordagem assumida nesta pesquisa é de natureza qualitativa (MINAYO, 2009), pois o processo de construir conhecimento não é neutro, sempre está carregado de perspectivas ideológicas. Conforme a autora, “toda ciência passa por interesses e visões de mundo historicamente criadas” (*idem*, p. 13). Portanto, o conhecimento de mundo influencia diretamente nos resultados alcançados, pesquisador e tema de pesquisa imbricam-se mutuamente no processo de elaboração e consolidação de saberes.

No que se refere ao tipo de pesquisa, este estudo é do tipo bibliográfico. Sua organização deu-se a partir de análises dos livros que compõe o acervo de materiais disponibilizados pelo Programa Federal Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Esta ação governamental tem como objetivo principal formar professores em serviço que atuam no ciclo de alfabetização (1º ao 3º anos do Ensino Fundamental) e distribuir para as escolas livros de literatura infantil.

Assim, ao distribuir acervos literários aos estudantes favorece condições de ensino e de aprendizagem por meio do acesso de materiais escritos de qualidade. Os livros selecionados pelo PNAIC garantem a diversidade quanto às áreas de conhecimento, aos temas e aos conteúdos abordados, no âmbito dos diversos gêneros discursivos.

Então, é nesse contexto, que a pesquisa foi organizada e desenvolvida em três momentos, a saber: no primeiro momento realizou-se uma revisão bibliográfica (artigos e livros) sobre a relação entre inclusão e literatura infantil; no segundo momento foi realizado um estudo sobre os livros de literatura infantil do acervo do PNAIC que abordassem o tema inclusão; e no terceiro momento foram estabelecidos critérios para a seleção dos livros que seriam analisados na pesquisa.

O primeiro momento da investigação deu-se a partir de uma pesquisa de *estado da arte* ou *estado do conhecimento*, ou seja, uma prática investigativa que vem ganhando destaque nos últimos anos (Minayo, 2009). Ela caracteriza-se como um estudo bibliográfico com o objetivo de mapear e discutir as produções acadêmicas acerca de uma temática específica.

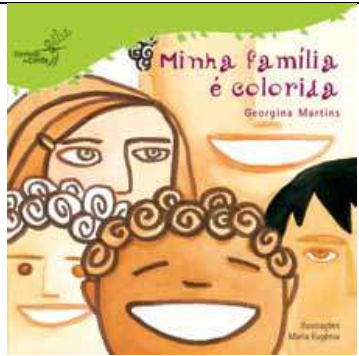
Conforme orienta o estado da arte, foi realizada uma busca no *Google Acadêmico*<sup>1</sup> na perspectiva de encontrar publicações sobre inclusão educacional na literatura infantil. Os resultados encontrados deram fundamentação teórica que sustentassem a pesquisa, de acordo como consta na primeira parte desse texto.

No segundo momento foi realizado um estudo sobre os livros de literatura infantil do acervo do PNAIC que abordassem o tema inclusão. As obras encontradas traziam o tema inclusão em diversas perspectivas: social; étnico-racial e educacional, conforme quadro abaixo:

**Quadro 01:** Livros do acervo do PNAIC que abordam o tema Inclusão

Livro	Sinopse
	<p><b>ABC dos animais</b>  <b>Autora:</b> Renata Aragão Artiaga  <b>Imagens:</b> Renata Aragão Artiaga  O livro <i>ABC dos animais</i> traz fotografias de diversas espécies de animais, apresentadas ao leitor em ordem alfabética, com destaque para a letra inicial do nome vulgar do animal, que é mostrado nas formas maiúscula, minúscula e em língua brasileira de sinais (LIBRAS). A obra apresenta, também, o nome científico da espécie exibida na fotografia e uma ilustração, indicando a classificação taxonômica e os locais em que os animais são encontrados. Assim, a obra associa o conhecimento da biodiversidade animal à consolidação do sistema de escrita alfabética.</p>
	<p><b>Lilás, uma menina diferente</b>  <b>Autora:</b> Mary E. Whitcomb  <b>Tradutor:</b> Charles Cosac  <b>Imagens:</b> Tara Colahan King  A obra <i>Lilás, uma menina diferente</i> estimula o respeito e a valorização das diferenças, fomentando o rompimento de preconceitos tão presentes no cotidiano escolar. Conta a história da garota Lilás, que, por ter objetos, gostos e comportamento fora dos padrões, sofre discriminação dos colegas, que passam a demonstrar certa curiosidade sobre ela. Finalmente, os colegas têm a oportunidade de aproximar-se dela e de conhecer mais sobre sua maneira de viver, o que os leva a respeitá-la e a compreender que todas as pessoas são diferentes.</p>

<sup>1</sup> *Google Acadêmico* é um sistema do *Google* que oferece ferramentas específicas para que pesquisadores busquem e encontrem literatura acadêmica. Artigos científicos, teses de mestrado ou doutorado, livros, resumos, bibliotecas de pré-publicações e material produzido por organizações profissionais e acadêmicas, tudo isso é mais fácil de encontrar por aqui. <https://canaltech.com.br/mercado/o-que-e-e-como-usar-o-google-academico/>. Acesso em 04 de fev. de 2018.

	<p><b>Sofia, a andorinha</b>  <b>Autora:</b> Almudena Taboa  <b>Imagens:</b> Ana López Escrivá  <i>Sofia, a andorinha</i> é uma obra poética, na qual se conta a história de Sofia, uma andorinha que, mesmo sendo deficiente visual, tem uma enorme capacidade de “enxergar” o mundo a sua volta, por meio dos odores, sabores e sons. As situações vivenciadas por Sofia têm grande potencial pedagógico, não apenas por estimular a cooperação, a ajuda mútua e o respeito à diversidade, sensibilizando o leitor para o reconhecimento da pessoa cega, mas também por mostrar ao leitor que o mundo pode, literalmente, ser visto com outros “olhos”.</p>
	<p><b>A joaninha que perdeu as pintinhas</b>  <b>Autor:</b> Ducarmo Paes  <b>Imagens:</b> Jefferson Galdino  A obra <i>A joaninha que perdeu as pintinhas</i> oferece um bom contexto para se tratar da questão das diferenças, especialmente nas relações étnico-raciais. A narrativa mostra uma joaninha que não é mais reconhecida pela família quando perde as pintinhas. Assim, a obra explora a situação de abandono diante do não reconhecimento da joaninha pelo grupo familiar, a partir do momento em que ela ficou diferente deles, e a jornada empreendida por ela para recuperar sua identidade, acompanhada somente por uma formiga, que foi sua amiga inseparável, mesmo sendo de outra espécie.</p>
	<p><b>Minha família é colorida</b>  <b>Autora:</b> Georgina Martins  <b>Imagens:</b> Maria Eugênia  De que cor é a sua família? Na obra <i>Minha família é colorida</i>, oferece um bom contexto para se tratar da questão das diferenças. A narrativa é desencadeada pela curiosidade de Ângelo, que questiona sua mãe sobre as diferenças de cor da pele e de cabelo entre ele e seus irmãos, um deles de cabelo liso e pele branca. A mãe também é branca, e a avó negra. A mãe do personagem conta a história de sua família, passando pela sua própria história com o marido, revelando ao filho e ao leitor que as raízes da família brasileira se compõem de pessoas com fenótipos bem diferentes um do outro.</p>
	<p><b>Quem é a Glória?</b>  <b>Autor:</b> Silvio Costa  <b>Imagens:</b> Marta Neves  A obra <i>Quem é a Glória?</i> narra o cotidiano de uma menina em sua cadeira de rodas, porém, de forma inteligente, essa informação só é revelada quase ao final da história. Com essa estratégia, o autor consegue apresentar com naturalidade a vida de uma cadeirante, o que facilita o objetivo da obra: desfazer os estereótipos sobre a vida dos cadeirantes. As ilustrações e os diálogos construídos produzem momentos de humor e tornam a narrativa divertida e interessante para o trabalho em sala de aula.</p>
	<p><b>Quem ganhou o jogo? Explorando a adição e a subtração</b>  <b>Autor:</b> Ricardo Dreguer  <b>Imagens:</b> Elisa Jassi  A obra <i>Quem ganhou o jogo? Explorando a adição e a subtração</i> conta a história de Lucas, um menino cadeirante, que sonha jogar bola. Seus colegas, então, propõem várias brincadeiras que envolvem problemas e desafios matemáticos, e um jogo de minibasquete, proposto pelo professor, permite que Lucas realize seu sonho e integre o time da escola. O livro chama a atenção para dificuldades que o cadeirante enfrenta em situações cotidianas, como andar nas ruas ou brincar. A atitude do professor, de adaptar o jogo de basquete para atender às necessidades de Lucas, mostra que é possível encontrar estratégias para que todos possam participar das brincadeiras.</p>

	<p><b>O silencioso mundo de Flor</b>  <b>Autora:</b> Cecília Cavaliéri França  <b>Imagens:</b> André Persechini</p> <p>Na obra <i>O silencioso mundo de Flor</i>, a narrativa é protagonizada por Téo e Flor, duas crianças muito amigas que faziam tudo juntas, embora fossem diferentes: Téo era um menino negro e Flor uma menina branca. Mas não é desse tipo de diferença, étnico-racial, que o livro trata, mas, sim, da diferença decorrente dos distúrbios de audição. Enquanto Téo adorava música, o mundo de Flor era silencioso, pois ela nascera surda. A convivência entre Téo e Flor produz o aprendizado mútuo, e Flor descobre que pode sentir o som, o que muda sua forma de estar no mundo.</p>
	<p><b>Por que somos de cores diferentes?</b>  <b>Autora:</b> Carmen Gil  <b>Imagens:</b> Luiz Filella</p> <p>A obra <i>Por que somos de cores diferentes?</i> apresenta ao leitor, em linguagem científica, mas de fácil compreensão, explicações sobre a nossa diversidade étnica, que, sendo decorrente de fatores genéticos, é uma herança de nossos familiares. Ao responder as dúvidas da personagem Marta sobre aspectos da pigmentação da nossa pele, o livro nos possibilita conhecer com mais profundidade as causas das nossas diferenças morfológicas. Assim, a obra contribui para a superação de preconceitos raciais.</p>
	<p><b>Pretinho, meu boneco querido</b>  <b>Autora:</b> Maria Cristina Furtado  <b>Imagens:</b> Ellen Pestili</p> <p>O livro <i>Pretinho, meu boneco querido</i> narra a aventura de Pretinho, um boneco que, por ser negro, é excluído pelos outros que habitavam o quarto de Nininha – uma menina negra que guardava o segredo de todos eles serem falantes. Movidos por preconceito racial e ciúmes, o boneco Malandrinho, o ursinho Malaquias e a boneca Fafá tramam pregar uma peça em Pretinho. Como resultado, Pretinho quase é devorado pelo cachorro Hulk. Passado o susto, os bonecos se arrependem e são perdoados por Pretinho e Nininha.</p>

**Fonte:** Brasil, 2012.

Conforme o quadro acima, os livros abordam temas relacionados à inclusão. Temas provocativos tratados de forma lúdica e poética. Traz de forma articulada a literatura infantil e os problemas sociais. Ilustram a possibilidade de uma sociedade democrática e mais igualitária, onde as diferenças aproximam as pessoas. Nestes termos, a inclusão é tratada como um movimento provocado por grupos sociais historicamente excluídos da escola e da cidadania (MANTOAN, 2006).

A cada nova leitura das obras o conceito de universalidade vai para além da perspectiva de sujeitos definidos como espécie humana, mas adentra uma concepção de universalidade ligada ao sexo, à etnia, à origem cultural e social, às crenças etc. Portanto, foi partindo desse pressuposto que foram selecionados dois livros que abordam a inclusão educacional e social de pessoas com deficiência, *Lilás* e *O silencioso mundo de Flor*.

## 5. ERA UMA VEZ A INCLUSÃO

Nesta seção são analisadas duas obras de literatura infantil que abordam em seu enredo o tema inclusão. A primeira, intitulada *Lilás*, fala da importância de respeitarmos a diferença. A segunda, intitulada *O silencioso mundo de Flor*, presenteia o leitor com a história de uma garota surda que experimenta a sensação dos sons. Mostra como a personagem Flor aprendeu a ouvir o silêncio.

A metodologia de análise está fundamentada na Análise de Conteúdo, isto é, um conjunto de “técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção da mensagem” (BARDIN, 2011, p. 47). Assim, o procedimento de análise respeitou as fases fundamentais apontadas pela autora: *pré-análise* (leitura inicial das obras com o objetivo de identificar o tema inclusão); *exploração do material* (leitura crítica dos aspectos relacionados ao tema da pesquisa) e *tratamento dos resultados* (construção das inferências e das interpretações).

A primeira obra analisada – *Lilás*, de Mary Whitcomb – narra o primeiro dia de aula de Lilás, personagem principal da história. Na escola, enquanto as outras crianças presenteavam à professora com objetos comuns (perfume, lencinhos bordados e porta-joias), a menina Lilás oferecia uma caixinha de papelão com sete pedrinhas, seu cadarço vermelho favorito e meio ovo de pardal.



**Figura 01:** Lilás em seu primeiro dia de aula  
**Fonte:** Withcomb, 2011.

Logo na primeira cena da narrativa, percebe-se que Lilás era diferente. No entanto, seus colegas de turma também eram diferentes, no sentido de fugir dos padrões de normalidade impostos pela sociedade excludente. Seus amiguinhos também apresentam aspectos singulares, um deles usa óculos (possível deficiência visual) e o outro usa aparelho ortodôntico (que implica, possivelmente, em uma má formação dentária). No entanto, parece que só Lilás é diferente. Isso mostra, conforme Mantoan (2006, p. 23), que a “inclusão escolar

tem sido mal compreendida”. Apesar da menina não sentir-se incomodada como os olhares dos colegas.

O comportamento da menina Lilás chamava a atenção de todos. Enquanto as crianças levavam para o recreio uma lancheira, a garota aparecia com um saco com lanche muito fora do comum. Ela levava legumes. Além disso, o fato de Lilás não usar roupas novas implicava em risos por parte dos colegas. Conforme é narrado na história, “– *De onde veio essa menina esquisita – todos comentavam em voz alta*” (WITHCOMB, 2011, p. 04). Esse trecho retirado do livro ilustra a reflexão feita por Mantoan (2006) ao afirmar que a igualdade não se sustenta no fato de todos terem nascidos iguais, mas no fato de sermos, naturalmente, diferentes. No entanto, nem sempre nos espaços escolares e nos diversos setores da sociedade, as diferenças são respeitadas.

As diferenças apresentadas por Lilás eram explicitamente perceptíveis. Por exemplo, no dia em que os alunos deveriam levar seu brinquedo favorito a menina levou uma planta muito estranha que chamou a atenção de todas as crianças. Withcomb (2011) narra que todos os colegas de sala de aula ficaram abismados. Para Mantoan (2006, p. 18) a diferença “propõe o conflito, o dissenso e a imprevisibilidade, a impossibilidade do cálculo, da definição, a multiplicidade incontrolável e infinita”. Mas a inclusão escolar considera a desigualdade como um elemento natural e social, pois se a igualdade provoca problemas, a diferença pode gerar muito mais.

A diferença explícita no comportamento de Lilás gerou indiferença por parte de seus colegas. Por exemplo, durante uma excursão escolar, enquanto todos socializavam, a garota Lilás era excluída e não tinha oportunidade de participar das brincadeiras e conversas no ônibus. Sempre ficava isolada, conforme figura abaixo.



**Figura 02:** Lilás em seu primeiro dia de aula  
**Fonte:** Withcomb, 2011.

Esse episódio nos possibilita refletir sobre o poder da literatura no que concerne discussões de temas polêmicos por meio de uma leitura lúdica e provocadora. Fomenta ainda,

a formação de leitores críticos, conforme Silva (2009), que conseguem estabelecer relações entre o texto lido e a realidade. Suas vivências e a exclusão velada nos espaços escolares. Um leitor capaz de emitir juízos coerentes sobre o que foi lido.

Lilás era mesmo diferente. Em uma aula de artes pintou uma maçã em uma folha papel com fundo azul-marinho. Mostrou para seus colegas que era muito talentosa ao ponto de ser premiada por ter desenhado “*a maçã mais linda que toda a turma já vira*” (WITHCOMB, 2011 p. 14). As crianças ficaram epinotizadas com o que viram.



**Figura 03:** Lilás em seu primeiro dia de aula  
**Fonte:** Withcomb, 2011.

O episódio destacado ilustra o direito à diferença. Ser diferente é normal. Cada um de nós têm suas habilidades e especificidades. Quando isso é levado em consideração, o sistema educacional, ainda excludente e normativo, passa a ser mais inclusivo. Pois se a diferença é, conforme Mantoan (2003, p. 19), “tomada como parâmetro”, a igualdade perde sentido e sua hierarquia não sustenta mais a “normalização” (idem, p. 19). Assim, todos os alunos são capazes de aprender e se desenvolver psicologicamente, socialmente, culturalmente e politicamente. A inclusão *desnormatiza* as práticas segregadoras e humaniza as pessoas.

A narrativa de Lilás mostra que aos poucos sua maneira de abordar os assuntos, suas preferências, seu comportamento e sua forma de ver o mundo começaram a fazer sentido. E seus colegas a acolheram mais. Sobre isso Mantoan (2003, p. 20) afirma que “contrariar a perspectiva de uma escola que se pauta pela igualdade de oportunidades é fazer a diferença, reconhecê-la e valorizá-la”. Então, todos os colegas de Lilás passaram a reconhecer suas próprias diferenças. Com isso, aquele espaço social excludente, a sala de aula da *menina diferente*, passou a ser lugar de oportunizar o respeito com outro.

A narrativa termina com um episódio em que todos os alunos da turma de Lilás presenteiam a professora com objetos diversos (buquê de flores, cartões etc.), inclusive, para a surpresa dos leitores, coleções de pedrinhas, assim como fazia a personagem Lilás. A figura 04 ilustra essa passagem na história.



**Figura 04:** Lilás em seu primeiro dia de aula  
**Fonte:** Withcomb, 2011.

A autora Mary Withcomb finaliza a narrativa com a afirmativa “*Lilás era diferente. Mas talvez ela não fosse tão diferente assim*”. Dessa forma, percebe-se na cena da figura 04 e no trecho retirado do livro que a inclusão escolar é possível e que nem todas as diferenças resultam em inferioridade entre as pessoas, pois da mesma forma que há igualdades, também há diferenças. Não obstante, ainda existem muitas barreiras para se mudar o paradigma educacional da homogeneidade, sobretudo, o exercício do direito de sermos diferentes quando a igualdade nos exclui.

A segunda obra analisada – *O silencioso mundo de Flor*, de Cecília Cavaliéri França – narra a história da menina Flor que vive em um mundo do silêncio, pois ela é Surda<sup>2</sup>. Com o passar do tempo e das experiências vividas com seu amigo Téó, descobre que pode sentir o som, conforme afirma a autora, “*Flor aprende a ouvir o silêncio*” (FRANÇA, 2011, p. 28).



**Figura 05:** Capa do livro *O silencioso mundo de Flor*  
**Fonte:** França, 2011.

Nesta obra literária o tema surdez ganha o encanto e a ludicidade da Literatura Infantil. Destaca que o fato de as pessoas não poder ouvir e não poder oralizar não implica em uma vida sofrida e negativa. Pelo contrário, as pessoas Surdas podem ter uma vida comum, por exemplo, estudar, trabalhar, namorar, ter filhos etc. Então, ser Surdo não implica viver

---

<sup>2</sup> A expressão Surda com letra maiúscula deve-se ao fato de ser usado para identificar a identidade e a cultura dos surdos, além de sentir-se integrante de uma comunidade linguística e culturalmente diferente.

segregado e excluído das relações sociais, pelo contrário, implica em um ser humano que externaliza conhecimentos que acumulou ao longo de sua vida, e que a perda auditiva é apenas um aspecto de sua subjetividade.

Esse aspecto da subjetividade é destacado logo no início da história quando a autora enfatiza que Téo e Flor (personagens principais da obra) eram crianças comuns aos leitores. Por exemplo, “*Téo e Flor eram crianças como você. Tinham mais ou menos sua idade. Moravam em uma casa parecida com a sua, em uma cidade do tamanho da sua*” (FRANÇA, 2011, p. 02). Nesse sentido, querer incluir uma pessoa Surda em uma categoria que a classifica e a define com características comuns é uma ideia equivocada.

Por isso, por meio da literatura, a autora mostra que o mundo de Téo e de Flor era plural.

O mundo de Téo e de Flor tinha todas as cores, do púrpura ao verde mar, do violeta ao azul celeste, do branco gelo ao marrom chocolate. O mundo de Téo e de Flor tinha os melhores bichos: pintinho que vira galinha, lagarta que vira borboleta, macaco que planta bananeira. [...] o mundo de Flor e de Téo tinha doces aventuras: fazer bolo de barro, caçar tatu-bolinha e escalar árvore de tronco baixo (FRANÇA, 2011, p. 02-03).

Dessa forma, tomar a surdez como fator central nas relações que serão estabelecidas nos diversos contextos sociais (escola, igreja, supermercado etc.) e esquecer que a pessoa, o sujeito singular que ali está é uma forma nociva de inclusão. Tomando, por exemplo, o espaço escolar como lugar de inclusão, implica repensar as condições atuais da maioria das escolas para receber e incluir as pessoas Surdas. Sobre isso Mantoan (2003, p. 32) afirma que,

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas (especialmente as de nível básico), ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada.

A narrativa sobre o mundo da menina Flor provoca uma reflexão que corrobora com as ideias de Mantoan (2003), a escola precisa criar condições para que as pessoas Surdas possam interagir com outros Surdos ou com ouvintes por meio das diversas linguagens. Pois quando isso não é possível sentem-se sozinhos, ou seja, isolados de um mundo que também fazem parte. A autora destaca esse aspecto quando narra que “[...] *o mundo de Téo era cheio de sons. Ele gostava de ouvir passarinhos. Ligava o rádio e cantava baixinho. Mas o mundo de Flor não tinha sons. Ela não podia ouvir. Era surda desde o nascimento.*” Esse trecho ressalta uma das barreiras enfrentadas pelas pessoas Surdas, mas que podem ser superadas.



**Figura 06:** *Flor e Téo.*

**Fonte:** França, 2011.

A figura 06 ilustra a curiosidade de Flor em querer saber o que seu amigo Téo ouvia no rádio. A impossibilidade de ouvir deixava-lhe triste. Mas seu amigo não a via somente como uma pessoa Surda, mas como um sujeito com suas particularidades e suas habilidades para aprender, por exemplo, sentir o som. A personagem Flor tinha grande interesse em poder experimentar um pouco do mundo dos ouvintes, algo que nem toda pessoa Surdam tem interesse. Por isso, é importante compreender que não há um comportamento padrão para o Surdo, o que há é uma cultura visual inerente a ele, e isso não faz dele um ser de comportamento coletivo, mas sim um indivíduo que compartilha de uma mesma concepção sensorial para pensar o mundo.

Sobre a percepção de mundo ser individual, a autora narra um episódio em que Téo tenta mostrar para Flor o mundo dos ouvintes.

[...] O mundo de Téo tinha cada barulhão! Buzina, trovão, bатуque, avião. Mas o mundo de Flor não tinha sons. O mundo dela era só silêncio. Um dia, Téo puxou Flor pela mão. Saíram correndo morro abaixo. Entraram em um grande barracão, cheio de... (o que era tudo aquilo?) instrumentos musicais. Flor nunca havia visto instrumentos musicais (FRANÇA, 2011, p. 08).

Neste trecho da história percebe-se a importância da literatura infantil na formação crítica das crianças. A autora traz para discussão a possibilidade de estimular a pessoa Surda em querer experimentar novas vivências e superar alguns desafios, como o de Flor em tentar sentir o som.

No cotidiano dos Surdos, essas vivências, se abertas às novas experiências, podem servir como fonte de uma educação mais humana que respeita as diversas culturas (dos ouvintes e dos Surdos). Na escola, por exemplo, qualquer “projeto pedagógico deve contemplar duas formas de percepção do mundo, a visuoespacial e a oral auditivo, sem que exista uma subordinação entre elas” (GARCIA, 2012, p. 69). Nestes termos, a escola precisa conceber o respeito pelas culturas de forma igualitária. Dessa forma, implementar ações que tenham sentido para os estudantes em geral e que também possa ser compartilhado com os alunos Surdos, assim como Téo buscou mostrar para sua amiga Flor o som. No entanto, não

defendemos uma cultura do oralismo, mas uma prática pedagógica e social na perspectiva da inclusão.



**Figura 07:** *Flor é desafiada.*  
**Fonte:** França, 2011.

A nova experiência vivida por Flor fez com que aprendesse a superar suas limitações. Conforme França (2011, p. 09), [...] “*de repente, naquele momento, o mundo de Flor se abriu em sons. Seus ouvidos não podiam ouvir, mas todo o seu corpo podia. Ah, sim. Podia.*” Neste trecho a autora mostra como o texto literário pode tocar a sensibilidade do leitor. Mostra a realidade de forma poética, chega a impressionar o leitor mais que a própria realidade. Nesta trama da menina que aprendeu a sentir o som, o leitor pode identificar-se com a personagem Flor, ou com Téó. O texto literário faz com que o leitor mobilize seu lado emocional e se entregue por completo à trama.

Na figura 07, Flor parece não entender muito bem o que estava acontecendo, mas a partir do momento que começou a bater os instrumentos seu corpo sentia o som, e da sua forma, conseguia “ouvir” a música que ecoava das batidas. Em tudo ela sentia a vibração e cada vez mais se deliciava daquela melodia. Esse episódio mostra a importância da pessoa Surda ter sua própria identidade, porém, ela também precisa se identificar com outros pares que tenham a percepção de mundo diferente da dela.



**Figura 08:** *Flor aprendeu a sentir o som.*  
**Fonte:** França, 2011.

Após as experiências musicais Flor aprende a sentir o som e sons mais sensíveis passam a serem sentidos por ela, por exemplo, os passos das pessoas apressadas, as buzinas dos veículos e a chegada do trem. Percebia tudo por meio das vibrações. “*Passou a sentir pintinho piar, galinha cacarejar, tatu-bolinha rolar. Flor se dedicava tanto que sentia até borboleta voar*” (FRANÇA, 2011, p. 11). A menina agora não vivia em mundo só silêncio, seu mundo era repleto de sons. Ela sentia a música. A literatura mostrou que a inclusão é um processo possível e que as pessoas com deficiência têm seus próprios potenciais, e que também são capazes de trocar conhecimentos. Conforme a autora, *Flor começou a ensinar Téo a ouvir o silêncio.*

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto foi possível tecer reflexões sobre a inclusão, seja ela educacional ou social. Mostrou que o movimento inclusivo, seja nas escolas ou fora dela, ainda é muito contestado no que se refere sua consolidação diante dos desafios que essa mudança carrega. Por isso, esta pesquisa que apontou como objetivo analisar, em livros de literatura infantil, a abordagem feita acerca das pessoas com deficiência na condição de personagens das histórias, provocou dois aspectos relevantes que merecem destaque, a real possibilidade de incluir pessoas com deficiência nas diversas esferas sociais e o forte papel da literatura infantil na discussão de temas relevantes, como a inclusão.

Sobre o primeiro aspecto, podemos afirmar que a inclusão depende de um projeto de sociedade que considere as diferenças como fator inerente aos seres humanos. Que a diferença não pode ser considerada como algo inferiorizado, sobretudo, quando tratamos de pessoas com deficiência. Por isso, precisamos de escolas que reconheçam e valorizem as diferenças de todos os estudantes.

Nessa perspectiva, se as escolas adotarem um projeto político pedagógico que fortaleça a inclusão, terão condições de propor e executar mudanças que rompam com os modelos educacionais conservadores, porém isso implica em práticas diferenciadas que contemple as necessidades de todos, e não de um pequeno grupo específico. Em outros termos, a inclusão é um fenômeno socioeducativo que não pode ser ignorado, pois está presente no nosso dia a dia. Por isso, a importância de uma escola que reconheça e valorize as diferenças.

Sobre a influência da literatura nas discussões sobre temas sociais, como a inclusão, pode-se inferir que a formação de cidadãos mais críticos e esclarecidos pode partir da leitura de textos literários. Isso fica evidente nos enredos das histórias selecionadas para esse texto, *Lilás* e *O silencioso mundo de Flor*. As narrativas permitem ao leitor vivenciar de forma poética e lúdica o mundo das pessoas com deficiência.

A pesquisa apontou também que a literatura pode ajudar as pessoas em como lidar com as diferenças, conforme Silva (2009), a literatura fornece a chave para lidar com a diversidade. Sugere fazer como na literatura de ficção, entrar na pele do personagem, colocar-se no seu lugar, procurar sentir o que o personagem da história sente. Portanto, este trabalho contribuiu para compreender, por meio da literatura infantil, que a riqueza dos seres humanos está nas diferenças que temos. Afinal de contas, o que é ser normal?

## 7. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Acervos complementares**: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. Brasília: SEB/MEC, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FACION, José Raimundo. **Transtornos do Desenvolvimento e do Comportamento**. 3. ed. Curitiba: Ibplex, 2007.

FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. Curitiba: Ibplex, 2007.

FERNANDES, Priscila Dantas. OLIVEIRA, Kecia Karine Santos de. **Trabalhando a inclusão social e escolar por meio da literatura infantil**. In: XI Congresso Nacional de Educação. Curitiba. Anais do XI EDUCERE, 2013.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. **O silencioso mundo de Flor**. Belo Horizonte: FT, 2011.

GARCIA, Eduardo de Campos. **O que todo pedagogo precisa saber sobre LIBRAS**: os principais aspectos e a importância da Língua Brasileira de Sinais. Salto, SP: Schoba, 2012.

ISRAEL, Vera Lúcia. BERTOLDI, Andréa Lúcia Sério. **Deficiência Físico-Motora**: interface entre educação especial e repertório funcional. Curitiba: Ibplex, 2010.

LIMA, Iviana Gonçalves de. *et al.* **A literatura infantil como recurso facilitador no processo de inclusão escolar**. In: II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. Campina Grande-PB. Anais do II CINTEDI, 2016.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar**. 7. ed. São Paulo: Sannus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Inclusão Escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOSQUERA, Carlos Fernando França. **Deficiência visual na escolar inclusive**. Curitiba: Ibplex, 2010.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo**: o que os pais devem saber? 2. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

QUINTANA, Mário. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Globo, 2015.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura Literária & outras Leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

WHITCOMB, Mary. **Lilás**. 3. ed. São Paulo: COSACNAIF, 2011.